

TEORIZAR O TRABALHO DA EDUCAÇÃO

Teresa N. R. Gonçalves

Faculdade de Educação/ Universidade Federal do Rio de Janeiro
Unidade de Investigação, Educação e Desenvolvimento da Universidade Nova de Lisboa
teresanrgoncalves@gmail.com

Elisabete X. Gomes

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Unidade de Investigação, Educação e Desenvolvimento da Universidade Nova de Lisboa
elisabete.gomes@emulrich.org

Este número especial da revista *Interações* resulta de um conjunto de preocupações com a educação na contemporaneidade, relacionadas com a pluralidade das suas manifestações, com os discursos e as políticas que tentam anular a singularidade dessas manifestações, através da sua uniformização e *standardização*. Pretende desvelar possibilidades que a teoria da educação e o trabalho empírico em educação abrem para o pensamento e a ação. Em particular, ele resulta de dois encontros anteriores que organizámos em torno das questões do trabalho da educação na contemporaneidade, que envolveram alguns dos autores dos artigos que compõem este número: o simpósio intitulado ‘Theorizing the work of education’, que decorreu no âmbito da European Conference on Educational Research – ECER 2013, em Istambul; e o Workshop Exploratório, com o mesmo título, que decorreu na Unidade de Investigação Educação e Desenvolvimento, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, em Maio de 2014.

Na nossa proposta de simpósio referíamos que o desenvolvimento da sociedade do conhecimento e a globalização, a definição de políticas educativas transnacionais e a emergência da aprendizagem ao longo da vida como conceito central na política, na sociedade e na educação promovem a ilusão de que educação e aprendizagem são dois conceitos intercambiáveis, promovendo até uma certa redução da educação à aprendizagem. Esta situação torna-se mais problemática perante a evidência de que o grande fim da aprendizagem ao longo da vida é promover uma contínua adaptação de cada um ao mercado de trabalho e às expectativas e flutuações que o caracterizam. O aluno, tal como o professor, e tal como todos nós, está *condenado* a ser um aprendiz



ao longo da vida, para o resto da sua vida. No âmbito do reconhecimento deste cenário, e para além dele, tem havido trabalho teórico relevante sobre as implicações de diferentes filosofias contemporâneas para o pensamento sobre a educação (Arendt, Foucault, Deleuze, Rancière). Conceitos como 'governamentalidade' (Foucault, Masschelein, Simons), 'emancipação' (Rancière, Biesta, Säfstrom), 'subjectificação' (Foucault, Deleuze, Biesta) re-situam a linguagem da educação e desnaturalizam mecanismos familiares. No simpósio, propunhamo-nos analisar algumas questões como: a complexificação dos contextos e políticas exige uma redefinição da própria educação?; como podemos pensar o trabalho da educação nesta nova realidade?; que contextos, práticas e relações contam como, verdadeiramente, *educativos*?

O workshop exploratório que realizámos posteriormente, tinha como objetivo aprofundar o trabalho desenvolvido no simpósio e organizar este número da revista interações. Neste sentido, ele constitui uma primeira revisão 'ao vivo' de alguns dos artigos que compõem este número especial. O workshop terminou com uma apresentação pública intitulada 'O trabalho da educação: teorizar, problematizar, investigar'.

Os artigos que apresentamos neste número são o resultado da conversa mantida nesses encontros, que, como uma qualquer conversa, se abriu a outras vozes, o que levou à inclusão de outros autores que considerámos poderem acrescentar-lhe pluralidade e materialidade.

Tal como ocorreu no workshop exploratório em Lisboa em 2014, começamos este número temático com Jorge Larrosa que, partindo de uma paródia às Regras para a Direcção do Espírito de Descartes e de um desenho existencial do mapa da Europa, dá forma a um conjunto de regras éticas e estéticas para uma poética e uma teoria da educação, entendidas como parte da vida pedagógica. Escolher as palavras; aprender com as artes; inventar uma tradição; trabalhar em torno de categorias livres; trabalhar com materialidades; privilegiar a afirmação; compor uma comunidade; inventar uma universidade; assumir a futilidade; estar entre Numância e Samarcanda.

Gomes e Gonçalves perseguem estas regras para propor uma conceptualização de trabalho que seja consistente com uma abordagem educativa à educação. O artigo convoca a abordagem de Hannah Arendt sobre o trabalho e a acção humana, a problematização de comunidade que emergiu nos anos 1990, com Blanchot, Nancy e Lingis, para repensar a profissionalidade dos trabalhadores da educação. Encerra uma



vontade de elogiar os trabalhadores da educação, por tudo o que têm de humano e não de máquina, por todo o diálogo que podem estabelecer com os outros, por todos os processos em que se envolvem sabendo que estes são irreversíveis e que deixam marcas nos outros, por todos os riscos que podem correr e que às vezes correm mesmo.

O conceito de *bildung*, como conceito basilar na construção de uma cultura da educação, é retomado por Bocchetti, a partir da obra de Schiller, para desenvolver uma análise crítica à formação, ao preparo, dos professores. Conclui pela definição de um conjunto de dimensões do que considera ser uma nova *bildung* marcada pelo devir neoliberal dos sistemas educativos e dos atuais ideais formativos que promovem a insignificância do presente para privilegiar o consumo (de aquisições, formações, postos de trabalho, produtos como quaisquer outros).

Safstrom e Manson apresentam uma crítica contundente à crescente tendência para reduzir a educação à aprendizagem, cuja naturalização se constata não apenas nos discursos políticos e nas medidas políticas, mas também na linguagem, nos objetos de estudo e nas opções metodológicas daqueles que fazem investigação em educação. A partir de uma análise mais fina do sistema educativo sueco iluminam as relações entre aprendizagem e mercado, construindo um jogo entre as expressões aprender para a vida e aprender para ganhar a vida presente na redefinição do sujeito contemporâneo.

Desenvolvendo o seu profícuo trabalho sobre os temas de educação de adultos, Pires propõe-se analisar, fundamentar e trazer para o debate o conceito de *experencialidade*. Este exercício é feito a partir da construção teórica de relações entre as teorias da complexidade, a conceptualização de experiência evidenciada na literatura e as preocupações pedagógicas que caracterizam uma educação de adultos livre e de carácter emancipatório. Conclui iluminando um conjunto de linhas de trabalho de educação consistentes com a problematização construída.

O artigo de Henriques tem como objetivo analisar o modo como Portugal tem vindo a integrar a legislação europeia em matéria de igualdade e não discriminação ao nível das políticas educativas, especialmente na formação contínua de professoras/es. Tematiza a *interseccionalidade* como proposta de abordagem às desigualdades múltiplas, que se discute, atualmente, na União Europeia: as desigualdades devem ser abordadas de uma forma independente ou intersetada? Constata uma série de lacunas nas políticas de na oferta de formação contínua de professoras/es e desenha



um conjunto de recomendações.

Batista e Gobara exploram a importância dos processos de interação entre professoras/es e estudantes em ambiente virtual de aprendizagem. Através de uma pesquisa empírica, evidenciam alguma falta de coerência entre as concepções dos professores sobre ensino a distância e as práticas implementadas numa instituição de ensino superior pública brasileira.

Fechamos este número temático com o exercício de Pires do Vale para a construção de uma pedagogia da atenção inspirada pela poética de Fernando Pessoa. Defende que dar atenção às sensações e às emoções no presente é a forma de as tornar presentes no nosso mundo, pois o mundo nasce da atenção. Em especial ao infinitamente pequeno ou banal – porque o que está a frente dos olhos, ensinaram Goethe e Wittgenstein, é o mais difícil de ver.